Paubrasilia *VIII Simpósio Brasileiro de Restinga / II Workshop do PPBio Restinga Rede Beira-Mar*
5–8 nov 2025; Porto Seguro, BA: UFSB
doi: 10.33447/paubrasilia.2025s.e0183s 2025;8

Caminhos da Restinga: Espécies-chave da flora da Restinga para divulgação científica no Instagram

Caminhos da Restinga: Key species of Restinga flora for scientific dissemination on Instagram

Grênivel Mota da Costa [1]

1. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas, Cruz das Almas, Bahia, Brasil

Palavras-chave:
Chrysobalanus icaco. Divulgação botânica. Impercepção botânica. Mangaba. Murici.

Keywords:
Chrysobalanus icaco. Botanical dissemination. Plant blindness. Mangaba. Murici.

Recebido em: 04/08/2025
Aceito em: 23/09/2025

Editor responsável: Cristiana B. N. Costa (UFSB)

eISSN: 2595-6752

Resumo

A impercepção botânica é um problema reconhecido pela comunidade botânica desde o final do século XX. Entretanto, apenas recentemente o debate tem ganhado destaque e ações têm sido feitas para mitigá-la. As redes sociais têm sido um dos principais recursos para a divulgação científica de plantas e aqui testei a divulgação de cinco espécies da Restinga no perfil @caminhosdabotanica no Instagram. As espécies escolhidas foram: cajueiro, *Anacardium occidentale* L. (Anacardiaceae); maçãzinha-da-praia, *Chrysobalanus icaco* L. (Chrysobalanaceae); mangaba, *Hancornia speciosa* Gomes (Apocynaceae); murici, *Byrsonima sericea* DC. (Malpighiaceae); e salsa-da-praia, *Ipomoea pes-caprae* (L.) R.Br. (Convolvulaceae). Para cada espécie foi elaborado um texto e *cards* com informações botânicas, históricas, ecológicas e/ou culturais. As publicações em conjunto alcançaram cerca de 39 mil pessoas, o que pode ser considerado satisfatório, pois possibilitou o contato dessas pessoas com as espécies.

Abstract

Plant blindness has been a problem recognized by the botanical community since the late 20th century. However, only recently has the debate gained prominence and actions have been taken to mitigate it. Social media has been one of the main resources for scientific dissemination about plants, and here I tested the dissemination about five species from the Restinga on the @caminhosdabotanica Instagram profile. The species chosen were: cashew tree, Anacardium occidentale L. (Anacardiaceae); beach apple, Chrysobalanus icaco L. (Chrysobalanaceae); mangaba, Hancornia speciosa Gomes (Apocynaceae); murici, Byrsonima sericea DC. (Malpighiaceae); and beach parsley, Ipomoea pes-caprae (L.) R.Br. (Convolvulaceae). For each species, a text and cards with botanical, historical, ecological, and/or cultural information were prepared. The publications together reached about 39,000 people, which can be considered satisfactory, as it enabled these people to come into contact with the species.

Introdução

Atualmente, a botânica enfrenta dois grandes desafios: a invisibilidade botânica e a perda de interesse pela ciência (Costa; Aona 2022). A invisibilidade refere-se à dificuldade das pessoas em reconhecer a importância das plantas, que muitas vezes são ignoradas devido à sua homogeneidade visual (Wandersee; Schussler, 2021). Esse panorama gerou a chamada crise de atratividade da botânica, que reflete na diminuição de estudantes e profissionais da área. Somam-se ao problema a urbanização e as tecnologias digitais, que afastam as pessoas do contato com a natureza, agravando a "extinção da experiência" e o declínio do conhecimento botânico.

Como reverter esse cenário? Uma das saídas é aperfeiçoar a comunicação científica, tornando-a mais acessível e envolvente, especialmente através das redes sociais. A criação de conteúdo botânico que alie ciência, história, cultura e arte pode ser uma estratégia eficaz para despertar o interesse do público e resgatar a importância das plantas na vida cotidiana e essa abordagem pode ser feita a partir da vegetação do entorno das pessoas que moram em determinado ambiente (Costa; Aona, 2022).

Escolher espécies como protagonistas pode auxiliar projetos e ações de divulgação científica de plantas. Bomfim et al. (2024), por exemplo, elencaram 12 espécies ocorrentes em uma Floresta Estacional Semidecidual e associaram informações históricas, culturais e artísticas sobre as plantas, propondo dessa forma espécies interessantes em uma trilha amplamente utilizada para fins turísticos. Tal atividade deve ser pensada para outros ambientes e ecossistemas, como por exemplo, a Restinga.

O termo Restinga designa o conjunto de formações vegetais sobre solos arenosos, de origem marinha ou flúvio-marinha, depositados durantes processos regressivos do mar no Quaternário (Pereira; Menezes 2023), onde ocorrem cerca de 4 mil espécies de plantas (Souza et al., 2024). Essa diversidade de espécies tem forte impacto nas populações costeiras, que utilizam essas plantas para diversos fins. Dessa forma, trazer informações e curiosidades sobre aquelas espécies pode ser um bom ponto de partida para dar destaque às plantas e ser um recurso interessante de divulgação científica.

Material e métodos

A partir de listagem de espécies de Restinga ocorrentes no Brasil, foram selecionadas espécies com potencial de histórias para divulgação científica no Instagram. A seleção das espécies foi totalmente direcionada à quantidade de informações extras que podem trazer: geralmente evitam-se espécies que tenham apenas dados científicos, pois isso diminui a possibilidade de engajamento da espécie na rede social. Por engajamento, entende-se como a métrica de interesse do público com determinado conteúdo, com indicadores diversos como visualizações e número de comentários (Sebrae, s.d.).

As postagens foram feitas no Instagram no perfil @caminhodabotanica, uma página criada para divulgação científica de plantas em abril de 2024 e que, em julho de 2025 conta com 2000 seguidores e cerca de 100 postagens com alcance anual de 500 mil contas (Caminhos da Botânica, 2025). A partir daí, utilizou-se métricas de alcance (visualizações, curtidas, comentários, compartilhamentos e salvamentos) da rede social escolhida para avaliar o alcance e possíveis impactos que as postagens sobre as plantas relevantes de Restinga causaram na rede.

Resultados e discussão

Cinco espécies relevantes da Restinga foram escolhidas: cajueiro, *Anacardium occidentale* L. (Anacardiaceae); maçãzinha-da-praia, *Chrysobalanus icaco* L. (Chrysobalanaceae); mangaba, *Hancornia speciosa* Gomes (Apocynaceae); murici, *Byrsonima sericea* DC. (Malpighiaceae); e salsa-da-praia, *Ipomoea pes-caprae* (L.) R.Br. (Convolvulaceae) (Figura 1). O alcance total das postagens foi cerca de 39.000 contas, em média 7759 por postagem, e interação total de 1412, em média 353 por postagem. A seguir, transcrevo como foi construído e apresentado o texto por espécie, a linguagem simplicada, de forma a agregar informação e valorização das espécies.

Cajueiro — *Anacardium occidentale* L.

O cajueiro é uma Anacardiaceae (mesma família do umbu, cajá, ciriguela e pimenta-rosa) nativa do Brasil, ocorre em quase todos os estados brasileiros, exceto na região Sul e Rondônia. São árvores de até 10 metros, com folhas rígidas e flores diminutas (Flora do Brasil, 2025). No Nordeste possui relevância econômica, cultural e turística.

Para começar, na praia de Pirangi do Norte, município de Parnamirim, Rio Grande do Norte, encontramos um cajueiro centenário, com mais de 130 anos. Além de viver mais que o dobro do esperado para espécie, a árvore ocupa uma área de mais de 9 mil metros quadrados, chegando a figurar no Livro dos Recordes como o maior cajueiro do mundo. Tal feito, torna a planta uma atração turística, que recebe cerca de 300 mil visitantes por ano (G1, 2021).

Os usos do cajueiro são inúmeros. Recentemente, tem sido bastante utilizado na cosmetologia, gerando um dos maiores memes de 2023. Quem não lembra do "é tempo de caju na pele", no qual a fruta estava ligada a um galho qualquer pela castanha? Isso mostra um profundo desconhecimento da morfologia da planta. Na verdade, o verdadeiro fruto do cajueiro é a castanha, enquanto a parte suculenta e adocicada é o pedúnculo floral desenvolvido que recebe o nome botânico de pseudofruto (Souza et al., 2013).

Pseudofruto se tornou uma palavra conhecida ao grande público nos versos da cantora Liniker, no aclamado disco "Caju", onde na música homônima ela canta "ser o pseudofruto, a pele do caju". Não apenas Liniker traz caju na sua música. Silva, cantor capixaba, cantou "Quem viu caju, não viu a terra Cica de mim, tomei do chão". Cica é uma palavra que também traz uma característica do caju, sua adstringência, por conta dos taninos presentes na fruta verde, bem como concentrada próxima ao talo no caju maduro (Garruti et al., 2022). Não pára por aí: a banda Mastruz com Leite canta: "o teu xodó é que nem noda de caju". A nódoa de caju também se deve ao tanino, que em contato com tecido, pode oxidar, criando uma mancha de difícil remoção. Romântico na canção, difícil para limpar da roupa.

Pensando ainda em música, um verso em uma das músicas mais lindas da MPB: "Pele macia, ai, carne de caju", na linda "Morena Tropicana" de Alceu Valença. Não sendo literal, apesar de ser consumido *in natura*, sucos, geleias e doces, o caju pode ser espremido e temperado, produzindo um alimento salgado, com textura que lembra carne (Kinupp; Lorenzi, 2014). Além disso, a castanha também é fonte de alimentos e óleos, sendo um importante recurso econômico da biodiversidade (Gazzola et al. 2018).

No Ceará, a fermentação do caju, produz uma bebida chamada mocororó. Essa bebida faz parte da cultura dos Povos Indígenas Tremembé e Jenipapo-Kanindé, que além de celebrar a produção da bebida em setembro, época da safra do caju, ainda usam em rituais e festas, um forte símbolo de identidade cultural (Santos et al., 2020).

Figura 1 - Página de rosto apresentada no perfil @caminhosdabotanica referente às plantas da Restinga. A - cajueiro, *Anacardium occidentale* L. (Anacardiaceae); B - murici, *Byrsonima sericea* DC. (Malpighiaceae); C - maçãzinha-da-praia, *Chrysobalanus icaco* L. (Chrysobalanaceae); D - mangaba, *Hancornia speciosa* Gomes (Apocynaceae); E - salsa-da-praia, *Ipomoea pes-caprae* (L.) R.Br. (Convolvulaceae); F - logomarca da página.



Por fim, o caju empresta seu nome a uma das capitais mais lindas do Nordeste, Aracaju, no Sergipe. O topônimo "Aracaju" pode ter origem no termo tupi arákaîu, que significa "cajueiro das araras" (ará, arara + akaîu, cajueiro) (Navarro 2013). Outra interpretação é que Aracaju significa "cajueiro dos papagaios". A palavra é composta por dois elementos: "ará", que significa ´papagaio´, e "acayú", que significa ´fruto do cajueiro´(Navarro 2013).

Salsa-da-praia — *Ipomoea pes-caprae* (L.) R.Br.

Essa planta de porte herbáceo com suas flores lilases ou rosas bem chamativas e suas folhas com formato bem característico ocorre em todo o litoral brasileiro, e não apenas nele. *Ipomoea pes-caprae* vive em áreas costeiras tropicais e subtropicais ao redor do mundo. Ela consegue esse feito por possuir sementes que flutuam e podem ser transportadas por correntes oceânicas, isso permite a dispersão transoceânica, ou seja, as sementes podem viajar de um continente a outro flutuando no mar. O mais incrível é que as populações dessa planta, mesmo separadas por grandes distâncias, ainda trocam genes entre si, em outras palavras, há migração genética (dispersão de sementes ou pólen) (Ye et al., 2023).

Mas como essas sementes sobrevivem à travessia dos oceanos? Primeiro, sua semente tem uma grande cavidade de ar, o que auxilia na flutuação. Além disso, essa semente é revestida por um tegumento (a casca) rígido e impermeável com tricomas adensados com substâncias hidrofóbicas (que não se misturam com a água) e sua semente e embrião tem dormência, o que permite aguentar pelo menos 90 dias de travessia oceânica com ajuda das correntes marítimas. Quando finalmente encalham numa praia, o desgaste mecânico rompe a casca, a água doce se infiltra e a germinação começa, garantindo colonização de novas faixas litorâneas em todo o cinturão tropical.

A salsa-da-praia provavelmente foi a primeira espécie reconhecida pelos africanos escravizados ao chegarem ao Brasil (Voeks (2013). Essa espécie possui distribuição pantropical e já era utilizada em regiões da África Ocidental, sendo provavelmente dispersa acidentalmente por meio de sementes flutuantes para as Américas (Voeks, 2013). A ocorrência dessa espécie permitiu a continuação do seu uso místico religioso, pois é utilizada para banhos de descarrego e oferendas a Oxum (Voeks, 2013).

Mangaba — *Hancornia speciosa* Gomes

A mangabeira (*Hancornia speciosa* Gomes) se destaca entre as espécies arbóreas da Restinga (Souza et al., 2024), sendo encontrada em praticamente todo Brasil, principalmente em vegetação aberta, mas é na Restinga que tem seu destaque em termos de extrativismo. Essa Apocynaceae, parente da espirradeira, tem frutos globosos e saborosos que devem ser consumidos logo após cair no chão (Mortari et al., 2024), já que possuem algum látex que, apesar de inofensivo, podem conferir um sabor amargo.

São árvores com até 15 m de altura, geralmente apresentando copa larga. O tronco é rugoso e libera um látex esbranquiçado quando cortado. Os ramos jovens possuem coloração vinho, com folhas elípticas e opostas. A flor é branca ou rosada. O fruto arredondado possui casca amarelada, com estrias vináceas ou vermelhas. A polpa do fruto é esbranquiçada, abundante e doce (Mortari et al., 2024).

A mangaba é bastante utilizada na produção de sucos, doces, cremes, picolés e sorvetes. Mesmo havendo registros de viajantes e naturalistas sobre o uso da mangaba na feitura de sucos e doces entre os séculos XVIII e XX, e de sorvetes na primeira metade do século passado, não se tem registro de comercialização significativa de frutos até a segunda metade do século XX (Silva-Junior et al., 2018).

Chamada pelos povos originários de Mangá yba (árvore que dá visgo), ganhou esse nome justamente por seu látex viscoso e pegajoso (Rodrigues, 2018). Para alguns autores, a mangaba tem o significado do seu nome indígena relacionado ao seu sabor: "coisa boa de comer" (Silva-Junior et al., 2018). Independente disso, essa planta já era conhecida e consumida pelos povos originários (Cascudo 2020).

Pode-se afirmar que o consumo dessa fruta é parte da identidade dos povos do litoral oriental do Nordeste, principalmente sergipanos e potiguares, mas também pernambucanos, paraibanos e alagoanos, e o seu uso é parte de uma tradição continuamente recriada, iniciada antes mesmo da chegada dos europeus ao Brasil. Apesar de haver relatos históricos do seu cultivo desde a época dos holandeses em Pernambuco, no século XVII, a mangabeira sempre foi tratada como um vegetal que cresce espontaneamente e do qual são coletados frutos e látex, sem necessidade de plantio (Silva-Junior et al., 2018).

Muitas são comunidades que se organizam em torno da coleta da mangaba. Apesar da incidência da mangabeira ser observada em várias regiões do país, o Estado de Sergipe se destaca pela maior produção da fruta por meio do extrativismo de comunidades tradicionais. A coleta e o beneficiamento da mangaba são realizados principalmente por mulheres que se organizaram e lideram em Sergipe o Movimento das Catadoras de Mangaba. Essas comunidades possuem conhecimentos do ciclo da mangabeira, do manejo sustentável e do preparo de receitas tradicionais com a fruta (Brasil 2024). As Catadoras de Mangaba são em sua maioria mulheres em maioria negra, marisqueiras, pescadoras artesanais, culinaristas, artesãs, agricultoras familiares, compositoras e poetisas. A obra "Quero ver rodar… com as griôs na restinga sergipana", disponível nas principais plataformas de música online, apresenta importante aspecto artístico do movimento.

Infelizmente, a cultura da mangaba ainda está em risco: a comparação entre situação das áreas de ocorrência natural de mangabeiras em 2016 com a situação de 2010 apresenta uma redução de 29,6% (Rodrigues et al., 2017), em Sergipe, que detêm 90% da produção nacional. Desafortunadamente, as ações do Movimento das Catadoras de Mangaba ainda não foram suficientes para reverter os principais problemas relacionados à prática do extrativismo, que são o acesso limitado às terras de ocorrência natural de mangabeiras nativas e o desmatamento, o que é triste, pois a mangaba é uma espécie-chave cultural, com grande importância para as comunidades que a conhecem e usam (Mortari et al., 2024).

Maçãzinha-da-praia — *Chrysobalanus icaco* L.

Na praia tem uma maçã - bem pequena, conhecida como maçãzinha -da-praia ou guajiru (*Chrysobalanus icaco* L.). Esse arbusto pertence à família Chrysobalanaceae, parente do oiti. Essas plantas se destacam na Restinga por seus pequenos frutos vistosos redondos, de cor amarela, vermelha ou negra, que chamam atenção (Silva; Peixoto 2009).

Mas só por isso essa planta veio parar aqui? Claro que não, ela é um exemplo de como exploramos pouco a nossa biodiversidade. Além do seu fruto ser suculento, doce e comestível, seu porte de arbusto compacto, que suporta sol pleno e forma moitas adensadas sem necessidades de podas de contenção, a tornam uma candidata forte ao paisagismo (Lorenzi 2022). Uma conta que só tem vantagem, pois seria uma planta nativa, comestível e absurdamente linda.

Além disso, apresenta grande importância a nível medicinal, com propriedade hipoglicemiante comprovada por pesquisas farmacológicas, sendo utilizada pela população para este fim (Silva; Peixoto, 2009). Por fim, é uma espécie fixadora das dunas das Restingas, o que a torna fundamental para conservação e restauração desses ecossistemas.

Murici — *Byrsonima sericea* DC.

As espécies de *Byrsonima* geralmente são chamadas de murici (Souza et al., 2025), isso inclui as espécies da Restinga - geralmente *Byrsonima sericea*. De porte comumente arbustivo, seus frutos, amarelos ou alaranjados são comestíveis.

É bastante apreciada por comunidades tradicionais para consumo *in natura*, assim como na saborização de licores, sorvetes, doces, molhos e misturada com farinha e açúcar (Cascudo 2020), o que mostra a versatilidade do fruto.

Mas o curioso é um ditado popular, que foi citado inclusive em "Os Sertões", de Euclides da Cunha, e por Câmara Cascudo em "A História da Alimentação no Brasil": "é tempo de murici e cada um cuida de si". Analisando esse ditado, o "cada um cuida de si" mostra uma atitude egoísta e individualista. Mas o que isso tem a ver com o murici? Saberes populares e estudos de campo mostraram que o murici frutifica na estação seca, um período que a oferta de recursos é mais escassa (principalmente no passado), onde as populações eram mais dependentes dos recursos naturais e os ciclos de plantação e colheita extrativista eram fortemente impactados por fenômenos climáticos como a seca. Logo, em tempo de escassez, cada um lutava individualmente pela vida.

Comunidades tradicionais desenvolvem sistemas complexos de observação dos sinais da natureza para prever eventos climáticos (Kiffer et al., 2020). Talvez o exemplo mais comum é o que diz "mandacaru quando *fulora* na seca, é sinal que a chuva chega no sertão". Apesar de não reportado, nas minhas atividades de campo, um guia local me disse uma vez que quando o murici dá fruto é que a chuva está próxima de chegar.

Conclusão

As redes sociais se mostram como um meio eficiente de atingir diversos públicos, pois dificilmente uma atividade presencial envolvendo plantas alcançaria 39 mil pessoas. Além disso, o montante de cerca de 1500 interações na página reforça que o conteúdo estimulou e informou pessoas sobre as plantas escolhidas, as métricas de engajamento revelam que houve algum interesse nas espécies, que não passaram despercebidas no *feed* da rede social. À medida que o perfil @caminhosdabotanica for mais conhecido, esse número tende a crescer, pois todo conteúdo uma vez disponibilizado na internet é "eterno".

Contribuições de Autoria

GMC foi responsável por todo o manuscrito, desde a concepção da ideia, escrita e revisão.

Conflito de Interesse

O autor declara não haver conflitos de interesse a informar.

Conformidade ética

Não se aplica.

Referências

Bomfim MEJ, Santana LFN, Almeida Junior MVC, Costa GM. O que as plantas podem contar na visita à Trilha das Cachoeiras no Recôncavo da Bahia?. Rev. Terrae Didat. 2024;20\:e024020.

Brasil. Ministério da Cidadania. Catadores de mangaba \[Internet]. Publicado em 25 jun. 2024; atualizado em 8 jul. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/acesso-a-alimentos-e-a-agua/articulacao-de-politicas-publicas-de-san-para-povos-e-comunidades-tradicionais/catadores-de-mangaba. Acesso em: 24 jul. 2025.

Caminhos da Botânica (@caminhosdabotanica). \[perfil do Instagram]. Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/caminhosdabotanica. Acesso em: 24 jul. 2025.

Cascudo LC. História da alimentação no Brasil. 3. ed. São Paulo: Global; 2004. 2 v.

Castellani TT, Santos FAM. Abundância, sobrevivência e crescimento de plântulas de *Ipomoea pes-caprae* (L.) R. Br. (Convolvulaceae) na Ilha de Santa Catarina, SC, Brasil. Acta Bot. Bras. 2006;20(4):875–885.

Costa GM, Aona LYS. Conectando plantas e pessoas através do Instagram: as experiências do Herbário Hurb. In: Moura CWN, Shimizu GH, organizadores. Botânica \[recurso eletrônico]: para que e para quem? Desafios, avanços e perspectivas na sociedade contemporânea. Brasília, DF: Sociedade Botânica do Brasil; 2022. p. 340–343.

Freitas T, Locatelli E. Ecologia da polinização de *Chrysobalanus icaco* L. (Chrysobalanaceae): uma espécie fixadora de dunas \[Internet]. Disponível em: www.seb-ecologia.org.br/revistas/indexar/anais/2009/resumos_ixceb/835.pdf. Acesso em: 24 jul. 2025.

Garruti DS, Braga DC, Barbosa AED, Costa FN, Silva NM, Vidal Neto FC, Barros LM. Atributos da qualidade de pedúnculos de cajueiro para consumo in natura. Fortaleza: Embrapa Agroindústria Tropical; 2022.

Gazzola J, Gazzola R, Souza GSE, Coelho CHM, Wander AE, Cabral JEO. Castanha de caju e sua amêndoa: composição e importância dos ácidos graxos, produção e comércio mundiais. In: Soares NS, Meirelles AEF, organizadores. Fortaleza: BNB; 2018. v. 1. p. 69–98.

G1. Maior cajueiro do mundo no RN comemora 133 anos com programação cultural e entrada gratuita \[Internet]. 20 dez. 2021. Disponível em: https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2021/12/20/maior-cajueiro-do-mundo-no-rn-comemora-133-anos-com-programacao-cultural-e-entrada-gratuita.ghtml. Acesso em: 24 jul. 2025.

Kinupp VF, Lorenzi H. Plantas alimentícias não convencionais no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. 1. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum de Estudos da Flora; 2014.

Lorenzi H. Plantas para jardim no Brasil: herbáceas, arbustivas e trepadeiras. Nova Odessa, SP: Jardim Botânico Plantarum; 2022.

Machline Silva I, Peixoto AL. O abajurú *Chrysobalanus icaco* L. e *Eugenia rotundifolia* Casar. comercializado na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Rev. Bras. Farmacogn. 2009;19(1B):325–332.

Mortari R, Andrade CLN, Conceição AA. Plantas alimentícias tradicionais da comunidade Riacho do Mel, Iraquara, Bahia. Iraquara: Pifferprint; 2024. 96 p.

Navarro EA. Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil. São Paulo: Global; 2013. p. 543.

Nunes KJ, Zappes CA, Marchioro E. Saber tradicional de pequenos agricultores na bacia hidrográfica do rio Duas Bocas, estado do Espírito Santo: uma abordagem da etnoclimatologia. Geografares. 2020;30. Disponível em: https://journals.openedition.org/geografares/470

Pereira OJ, Menezes LFT. Restinga do Espírito Santo: estrutura, biodiversidade e conservação. Vitória: EdUFES; 2023.

Rodrigues JB. Mbaé Kaá – O que tem na mata: a botânica nomenclatura indígena. Rio de Janeiro: Dantes Editora; 2018.

Santos CM, Lima AF, Morais ACS, Ferreira MC. O mocororó e sua importância para os povos indígenas do litoral cearense: resistência e espiritualidade nos modos de fazer e consumir. In: Culturas e história dos povos indígenas; 2020. doi:10.22533/at.ed.66820160913.

Sebrae. Desvendando o engajamento nas redes sociais. Sebrae Atende. [s.l.]: [s.n.]; [s.d.]. 23 p. Disponível em: https://sebraeatende.com.br/system/files/desvendando_o_engajamento_nas_redes_sociais.pdf. Acesso em: 21 set. 2025.

Silva Junior JF, Nunes RP, Santos JW, Santos LS, Nascimento WR, Jesus JN, Araújo IV, Santos GS. Mangaba: espécie nativa com potencial para diversificação da fruticultura tropical. Aracaju: Embrapa Tabuleiros Costeiros; 2018. 24 p. Disponível em: https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1096247/1/f6dce1963e4cMangabaPROCISUR.pdf. Acesso em: 24 jul. 2025.

Souza VC, Sampaio D, Toledo CAP, Flores TB, Colletta GD. Guia das plantas das dunas e restingas. 1. ed. Piracicaba: Liana Produções Editoriais (LPE); 2025. v. 1. 568 p.

Souza VC, Flores TB, Lorenzi H. Introdução à botânica: morfologia. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum de Estudos da Flora; 2013.

Voeks RA. Ethnobotany of Brazil's African diaspora: the role of floristic homogenization. In: Voeks RA, Rashford J, editors. African ethnobotany in the Americas. New York, NY: Springer; 2013. p. 395–416.

Wandersee J, Schussler E. Towards a theory of plant blindness. Plant Sci. Bull. 2001;47(1):2–9.

Ye K, Dong C, Hu B, Yuan J, Sun J, Li Z, Deng F, Fakher B, Wang L, Pan C, Aslam M, Qin Y, Cheng Y. The genome size, chromosome number and the seed adaption to long-distance dispersal of *Ipomoea pes-caprae* (L.). Front. Plant Sci. 2023;14:1074935. doi:10.3389/fpls.2023.1074935.

Como citar este artigo
How to cite this article

(ABNT)

COSTA, G. M. Caminhos da Restinga: Espécies-chave da flora da Restinga para divulgação científica no Instagram. **Paubrasilia**, Porto Seguro, v. 8, n. supl., e183s, 2025s. DOI: 10.33447/paubrasilia.2025s.e0183s.

(Vancouver)

Costa GM. Caminhos da Restinga: Espécies-chave da flora da Restinga para divulgação científica no Instagram. Paubrasilia 2025;8 (Supl):e183s. doi:10.33447/paubrasilia.2025s.e0183s.